

A minha economia

Alice Vieira



Numa mesa de madeira estão livros da colecção “Os Cinco”, de Enid Blyton, que leu quando ainda não pensava tornar-se escritora de livros juvenis, e que relê agora para escrever uma biografia da escritora inglesa. Alice Vieira tem sempre um livro para escrever a seguir. Tem sempre mais um projecto, mais um prazo, um vício de trabalho sob pressão que terá ficado dos tempos em que fazia jornalismo diário. Quando escreve, não pensa quem vai comprar, quem vai ler, que idade tem. “Os Profetas”, que lançou recentemente, é o primeiro romance de Alice Vieira a sair com o rótulo “para adultos”. Quis falar sobre a Inquisição, esse período da história em que Portugal perdeu o futuro. Nunca mais deixámos de precisar de profetas que “curem” da cegueira. É esse um pouco o trabalho de Alice Vieira cada vez que vai a uma escola. Cada vez que a ouvem falar, cada vez que a lêem, há crianças que percebem o significado da palavra riqueza.

CONVERSA EDITADA POR SUSANA MOREIRA MARQUES

1. Aprendi a ler e a escrever sozinha, muito pequena, e foi o que me salvou de uma infância em que os adultos não tinham muita paciência para mim. As crianças não conseguem crescer sem que lhes contem histórias, e como ninguém me contava histórias, eu aprendi a contá-las para mim. Desde cedo, comecei a escrever, e não me lembro de mim sem estar rodeada de papéis, lápis e borrachas. Mas nunca pensei ser escritora – sempre disse que queria ser jornalista. Não sabia o que era, mas alguém me teria dito que um jornalista nunca estava em casa, e se havia uma profissão em que podia não estar em casa era isso que eu queria. Comecei a mandar textos para o jornal aos 14, 15 anos, e aos 17, 18 entrei para um jornal ao mesmo tempo que entrei para a faculdade.

Ainda agora, sou de pegar no meu computador e ir trabalhar para outro sítio. Saio muito e saio muito cedo. O café aqui ao pé de casa abre às 6h30 da manhã e vou tomar café às 6h30 da manhã. Preciso de sair logo de manhã e ver gente.

2. Preciso muito desta luz de Lisboa, que varia de manhã à noite, sempre diferente. Depois preciso deste rio, que não há outro assim. E depois, apesar de tudo, das pessoas.

Lisboa, na época de “Os Profetas”, era um ponto de encontro de gente vinda de toda a parte. O que teria sido aquela Baixa, pré-terramoto, com aquelas pessoas todas a falar línguas diferentes naquelas ruelas – devia ser extraordinária.

Tivemos um período alto e depois há sempre um período de decadência que se segue. Agora estamos em período de Europa. Estamos um bocadinho todos iguais uns aos outros e todos a depender da Alemanha. A mim custa-me muito ver o que está a acontecer na Grécia. A Grécia é o berço de tudo isto. Havia um político francês que dizia que tirar a Grécia da Europa seria como retirar a uma pessoa a certidão de nascimento.

3. O Charles Dickens dizia: “Quero que o leitor chore com o que eu escrevo mas eu não quero chorar com ele”. E eu concordo. A minha escrita é concisa, o que não quer dizer que não provoque emoção. Acho que o meu estilo foi marcado pelos muitos anos de jornalismo. Costumo dizer que sou uma jornalista que também escreve livros. Talvez por isso, faz-me impressão as pessoas que têm ataques de inspiração ou de ‘desinspiração’.

Num jornal não podemos chegar e dizer: hoje não estou inspirada para escrever. Não sou de ficar sentada à espera de inspiração. O Picasso dizia: “Quando a inspiração chega, encontra-me sempre a trabalhar.” A mim também.

As pessoas têm a ideia do escritor como uma figura transcendente, mas no fundo isto é um ofício, e como todos os ofícios é preciso praticar. Tento explicar isto aos miúdos quando vou às escolas. Muitas vezes escrevo o dia todo, depois no dia seguinte leio o que escrevi e deito fora, e tento explicar que isto não é tempo perdido – é necessário. Para escrevermos bem, primeiro temos que escrever mal.

4. “Os Profetas” foi uma história que me apareceu por acaso quando estava nos Açores a fazer pesquisa sobre a D. Violante do Canto, uma mulher extraordinária sobre a qual estava a escrever uma história para miúdos encomendada pela Câmara Municipal de Angra do Heroísmo. Num dos livros que consultei, encontrei um apêndice sobre a Madeira e o Porto Santo e foi aí que encontrei esta história dos profetas, e que me fascinou por isto: é uma heresia que floresce só no Porto Santo, nem sequer à Madeira chega, e só dura 18 dias. Mas é de tal maneira forte que o governo de Lisboa manda buscá-los e tortura-os publicamente. Sabe-se que é um tio e uma sobrinha. Sabe-se que ele morreu no Limoeiro e dela não se sabe mais nada. Quando eles chegam ao continente, a Inquisição ainda não está implantada em Portugal – há notícias, rumores. Passados uns anos, sim. Então prolonguei a vida da sobrinha para poder chegar à Inquisição, que no fundo já se anunciava em todas as torturas que estes “profetas”, o Fernão e a sobrinha, tinham sofrido.

O que o Fernão queria dizer era: vou dar-vos a leitura para vocês não ficarem cegos – para verem o que se passa. Só que as pessoas interpretavam à letra: que ele curava a cegueira. Mas não era a cegueira física, era outro tipo de cegueira.

Ainda há pouco recebi através do Facebook uma daquelas frases feitas, mas que é verdade: “os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas; os livros mudam as pessoas”. Acho que continua a ser uma riqueza – seja de que maneira for, em papel ou em digital – a leitura.

5. Se um povo foi sempre habituado a ler e a gostar de ler, pode fazer sacrifícios para ter acesso a um livro. Quando não foi habituado, não o faz. Fazemos sacrifícios por aquilo que nos dá prazer. É normal ver um estádio de futebol cheio, e nunca ouvi ninguém protestar contra o preço dos bilhetes de futebol. Ouço sempre dizer que os livros estão caros. As pessoas dão dinheiro para um concerto ou para ir a uma mariscada, mas não dão 10, 12 euros por um livro, porque é caro. São prioridades. Nisso ainda temos um longo caminho a percorrer. É preciso lembrar que ainda há 40 anos só meia dúzia de pessoas tinham acesso à leitura e à educação e grande parte do país era analfabeto.

Quando foi a Grande Depressão nos Estados Unidos em 29, aquela gente onde é que se refugiou? Arranjavam todos os trocados para o cinema, e o cinema conheceu um grande esplendor. Aqui as pessoas alienam-se nos bares, nos restaurantes, nos jogos de futebol. E ficamos a ver televisão.

6. Estou neste momento a trabalhar na biografia da Enid Blyton e um dia gostava também de fazer a biografia da Condessa de Ségur, que era uma grande escritora, e que conseguiu no seu tempo uma coisa que quase ninguém conseguia – ainda por cima sendo mulher – que era viver dos seus direitos de autor: é a primeira que luta pelos seus direitos de autor e vai todos os meses à editora e está ali para que lhe paguem. É realmente uma escritora profissional e que luta por aquilo que é dela. **w**

Fazemos sacrifícios por aquilo que nos dá prazer.